

Padrões Tecnológicos e Econômicos do Arroz de Terras Altas

Carlos Magri Ferreira¹
Augusto Hauber Gameiro²
Patrício Mendez del Villar³
Paulo Nazareno Alves de Almeida⁴

A busca de soluções para os problemas da cultura do arroz de terras altas é um ponto de destaque na missão da pesquisa orizícola no Brasil. Assim, o presente trabalho teve como objetivo atualizar as informações sobre a cultura do arroz no Mato Grosso, visando fornecer subsídios às ações de pesquisa e transferência de tecnologia.

As médias de produção e consumo de arroz no Brasil, nos últimos dez anos foram, respectivamente, 10,37 milhões e 11,60 milhões de toneladas. O déficit médio foi de 1,30 milhão de toneladas. Neste mesmo período, comparando os dados de produção, área e a produtividade entre arroz de terras altas e o irrigado, observa-se uma certa homogeneidade nos dois cultivos. Especificamente para o de terras altas ocorreu uma estabilidade na produção, decréscimo de área e aumento da produtividade (Tabela 1).

Tabela 1. Taxa média de crescimento anual da área, produção e rendimento do arroz de terras altas, irrigado e de várzea, no Brasil, no período de 1991 a 2001.

Taxa média de crescimento anual (%), baseada em regressão econométrica				
	Terras altas	Irrigado	Várzea	Total
Área	-4,57	-0,52	-11,60	-2,99
Produção	0,03	1,18	-11,70	0,48
Rendimento	4,46	1,61	0,09	1,03

Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (IBGE, diversos anos), adaptado pelos autores.

Essas informações conduzem a uma reflexão sobre o que estaria ocorrendo com o arroz de terras altas no contexto nacional. O exame da situação é importante porque o arroz irrigado sozinho não tem sido capaz de abastecer o mercado interno, portanto, a inserção definitiva do arroz de terras altas é interessante para garantir o abastecimento interno sem a necessidade de aumentar as importações.

Outro ponto que corrobora a necessidade de um acompanhamento contínuo da cultura é que, na tentativa de se ajustar aos novos conceitos e padrões socioeconômicos, estão ocorrendo constantes transformações na cadeia produtiva do arroz. Como reflexo das mudanças podem-se citar a maior estabilidade de produção e a oferta de produto de melhor qualidade. Este conjunto de resultados positivos passou a conferir certa competitividade ao arroz de terras altas, sendo suas principais causas: a) a utilização de sistemas produtivos mais tecnificados e competitivos; e b) o surgimento de novas variedades. Deve-se ressaltar que houve uma mudança radical no tipo e na qualidade preferidos pelo consumidor pois, na década de 60, o arroz proveniente de cultivos de terras altas era o mais aceito pelos consumidores brasileiros e alcançava maior cotação do que o proveniente de cultivos irrigados. Porém, a situação se inverteu na década seguinte, quando o arroz irrigado ganhou a preferência do consumidor e passou a ser mais valorizado no mercado. Desta forma, as novas variedades com qualidades adequadas e adaptadas ao cultivo

¹ Engenheiro Agrônomo, Mestre em Economia Aplicada, Embrapa Arroz e Feijão, Caixa Postal 179, CEP 75375-000 Santo Antônio de Goiás, GO. magri@cnpaf.embrapa.br.

² Engenheiro Agrônomo, Mestre em Economia Aplicada, Centro de Estudos Avançados em Economia (ESALQ/USP). ahgameir@esalq.usp.br; panalmei@esalq.usp.br.

³ Economista, Ph.D., Centre de Coopération Internationale en Recherche Agronomique pour le Développement (Cirad/França). patricio.mendez@cirad.fr.

em terras altas foi um ponto fundamental para a retomada do arroz nas regiões de fronteira agrícola, como o Centro-Oeste e Norte do país.

A atenção especial para o estudo do arroz de terras altas no estado de Mato Grosso se justifica pelo fato de ser este estado o maior produtor de arroz nesse sistema. Na safra 2001/02, a produção do estado foi estimada em torno de 1,1 milhão de toneladas, representando, aproximadamente, 10,5% da produção total do Brasil. O potencial de produção de arroz de terras altas em Mato Grosso torna o Estado uma alternativa interessante para garantir o abastecimento nacional do cereal.

As informações apresentadas neste trabalho foram obtidas num levantamento realizado no mês de abril de 2002. A metodologia básica utilizada foi a aplicação de questionários junto a produtores, responsáveis técnicos das lavouras, industriais e secretários municipais de agricultura. O levantamento foi realizado nos seguintes municípios: Sinop, Alta Floresta, Guarantã, Matupá, Claudia, Lucas do Rio Verde, Nova Mutum, Nova Ubiratã, Tapurah, Sorriso, Santa Carmem, Primavera do Leste. A região amostrada representa 40% da área cultivada com arroz no Estado de Mato Grosso na safra 2001/02.

Apesar de sua importância, o arroz de terras altas passou um longo período relegado a um segundo plano, principalmente em relação às políticas públicas e aos investidores no agronegócio, era considerada uma cultura sem perspectiva. Parte dessa situação se deve ao seu passado, quando a exploração ocorria num contexto negativo, caracterizado por baixo aporte tecnológico com conseqüente baixa produtividade e qualidade. Era uma exploração agrícola baseada somente em "amansamento da terra", considerada mais como um instrumento de abertura de cerrado do que uma exploração com objetivo comercial. Assim, o arroz de terras altas era cultivado por um período máximo de dois a três anos, depois cedia espaço para pastagens ou para outras culturas mais rentáveis.

Como resultado dessa estratégia de ocupação de área, o arroz de terras altas chegou a ocupar uma área superior a 4,8 milhões de ha no ano 1987 sendo, em certo período, a cultura líder na região dos cerrados. A partir da década de 80, com a redução da disponibilidade de áreas de cerrado nativo na região Centro-Oeste, ocorreu um gradual decréscimo da área de arroz de terras altas.

Diante desse quadro, o Programa Nacional de Pesquisa de Arroz adotou como diretriz o estímulo ao cultivo do arroz em regiões favorecidas. Esta ação proporcionou menor risco e conseqüentemente motivou os produtores a adotarem práticas que melhorassem o nível tecnológico das lavouras. Posteriormente foi enfatizada a aplicação de modelos de simulação do balanço hídrico, associados a sistemas de informação geográfica para caracterizar a probabilidade de ocorrência de períodos sem chuva e identificação de áreas favoráveis. A grande realização da pesquisa, porém, foi o lançamento de cultivares com o tipo de planta mais moderno e, sobretudo, com grãos de melhor aparência e qualidade. O resultado dessas ações foi uma significativa melhora da produtividade. Conforme ilustrado, o crescimento da produtividade média no período de 1991 a 2002 foi em torno de 4,5% a.a.

A presente pesquisa procurou verificar *in loco* qual a real situação da cultura em Mato Grosso, em especial no que se refere ao sentimento dos diferentes agentes da cadeia produtiva. Foi observado que os resultados das ações da pesquisa anteriormente descritas repercutiram no agronegócio do arroz e estimularam a implantação de várias indústrias arrozeiras no estado, aumentando a capacidade de processamento e provocando, conseqüentemente, aumento na pressão por matéria-prima. Portanto, as novidades tecnológicas reverteram um panorama sem perspectivas para um cenário de expectativa. Essa situação levou muitos produtores a utilizarem o arroz em vários tipos de sistemas produtivos nas diversas regiões de Mato Grosso, e a cultura começou a se estabelecer em plantio direto e em sucessão com a soja, além do seu tradicional papel de abertura de área e renovação de pastagem.

O levantamento mostrou, todavia, que apesar de toda a evolução descrita, o arroz continua atuando fortemente no esquema de abertura de áreas ou reforma de pastagens, e que a sua participação na rotação com outras culturas está ocorrendo em níveis abaixo do esperado. Mesmo em regiões como Sapezal, Sinop, Primavera do Leste e outras, que tradicionalmente cultivavam arroz, apresentam tendência de maior estabelecimento de lavouras como soja e milho. Nos estados de Rondônia e Pará, a área e a produção estão aumentando de forma contínua, predominando o seu papel de cultura desbravadora. Mas deve-se fazer a ressalva de que existe uma grande diferença entre a situação ocorrida na abertura dos cerrados na região do Brasil Central na década de 70 pois, atualmente, na

região “pré-amazônica”, estão sendo utilizados sistemas mais tecnificados e com um produto de melhor aceitação no mercado.

O levantamento indicou, ainda, que durante a década de 90 a produção de arroz continuou sua migração no sentido sul-norte, seguindo a mesma trajetória da fronteira agrícola. Observou-se, também, que a cultura assume diferentes papéis, dependendo da vocação da microrregião. Quando a vocação é a pecuária, o arroz tem função de cultura de abertura de área. Quando a região tem vocação para agricultura pode ocorrer, ainda, o retorno para a cultura do arroz após alguns anos para renovação da área, iniciando-se novamente o ciclo. Portanto, atualmente, o arroz além da função de cultura de desbravamento pode voltar ao sistema depois de cinco a seis anos. A participação do arroz neste esquema é justificada tanto por questões agrônômicas como econômicas.

Um ponto a destacar é que, devido aos problemas recorrentes, a qualidade do arroz produzido em Mato Grosso não evoluiu como o esperado. Como o produtor que não produz com qualidade não tem muitas alternativas de mercado, o produto acaba tendo como destino o estoque público. Observa-se, na Tabela 2, que ocorreu um aumento da aquisição pelo Governo do arroz produzido no Estado de Mato Grosso nos últimos cinco anos. Este fato tem preocupado tanto o Ministério da Agricultura quanto os produtores, porque parte significativa desse arroz armazenado é do produto que não teve boa receptividade no mercado, sendo, portanto, de difícil comercialização.

Tabela 2. Produção total e quantidade adquirida pelo Governo de arroz em casca, no Estado de Mato Grosso (em 1000 toneladas).

<i>Ano</i>	<i>Produção</i>	<i>Adquirido pelo Governo*</i>	<i>%</i>	<i>Restante</i>
1997	918,2	84,1	9,1	834,1
1998	777,0	152,4	19,6	624,6
1999	1.177,8	420,2	35,7	757,6
2000	1.151,8	578,1	50,8	573,7
2001	1.111,2	250,1	22,5	861,1

Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola. Rio de Janeiro: IBGE, diversos anos.

*Informação pessoal obtida junto à Conab.

Comparando-se a situação atual com a de cinco anos atrás, pode-se dizer que os problemas e as preocupações com a cadeia produtiva do arroz de terras altas voltaram à tona, pois - ante a variabilidade de sistemas produtivos e dos problemas tecnológicos, de qualidade de grãos não resolvidos e a pressão do mercado - os produtores começaram, sem o respaldo de informações da pesquisa, a buscar alternativas para cultivar o arroz. A consequência foi o surgimento de novas dificuldades, como, por exemplo, o desempenho não satisfatório da cultura em plantio direto, o aparecimento de doenças quando cultivado após a soja, a falta de semente fiscalizada e o uso de sementes misturadas. Diante disso, entende-se que a cultura do arroz de terras altas na região Central e Norte do Mato Grosso ainda não se consolidou como um componente estável dos sistemas de produção.

Portanto, apesar das importantes inovações tecnológicas conseguidas nas décadas de 80 e 90, a pesquisa brasileira segue com muitos desafios no que se refere ao arroz de terras altas. O maior desafio parece ser a consolidação da cultura, de forma sustentável, como um componente dos sistemas de produção de grãos, especialmente sob plantio direto. Outro fator preponderante para o sucesso da atividade está aliado à mudança de filosofia dos produtores, que continuam tratando o arroz como uma atividade secundária. Desta maneira não aplicam corretamente as tecnologias e recomendações sobre cuidados e épocas de plantio e colheita, como os tratamentos culturais.

Finalmente, diante do dinamismo da cadeia produtiva do arroz de terras altas, é fundamental que a obtenção de informações intrínsecas às relações nessa cadeia seja ágil, pois quanto mais demorado ocorrer o diagnóstico, maior tempo será necessário para se apresentar a solução. Isto é uma séria deficiência para qualquer atividade econômica, principalmente num mercado competitivo, que exige, dentre outras coisas, qualidade e preço compatível com sua expectativa.

Qualquer esforço no sentido de resolver os entraves que persistem na cultura do arroz de terras altas é louvável, e muito contribuiria para que o País atingisse sua auto-suficiência em arroz, até mesmo buscando o fornecimento ao mercado mundial.

**Comunicado
Técnico, 52**MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
E DO ABASTECIMENTO

Exemplares desta edição podem ser adquiridos na:
Embrapa Arroz e Feijão
Rodovia Goiânia a Nova Veneza km 12 Zona Rural
Caixa Postal 179
75375-000 Santo Antônio de Goiás, GO
Fone: (62) 533 2123
Fax: (62) 533 2100
E-mail: sac@cnpaf.embrapa.br

1ª edição

1ª impressão (2002): 1.000 exemplares

**Comitê de
publicações**

Presidente: *Carlos Agustin Rava.*
Secretário-Executivo: *Luiz Roberto R. da Silva.*

Expediente

Supervisor editorial: *Marina A. Souza de Oliveira.*
Revisão de texto: *Vera Maria Tietzmann Silva.*
Editoração eletrônica: *Fábio Noletto.*